

Recebido em 16/08/2022 e aprovado em 19/11/2022

## **ENTREVISTA COM ANA BEATRIZ PESTANA GOMES**

Ana Beatriz Pestana é doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), realizou doutorado sanduíche na *School of Arts and Aesthetics* da *Jawaharlal Nehru University* na Índia, é mestre em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e licenciada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), tendo experiências profissionais de pesquisa e artísticas na área de Educação, Filosofia, História e Teatro.

**Richard Gonçalves André:** Poderia nos contar sobre sua formação acadêmica?

**Ana Beatriz Pestana Gomes:** Sou licenciada em História, meu mestrado é em Filosofia e meu doutorado em História. Para falar sobre minha trajetória acadêmica, preciso discorrer a respeito de minha relação com o teatro considerando a grande troca entre essas áreas. Acredito que o teatro veio primeiro e, com ele, comecei a sentir a necessidade de realizar investigações através de outras áreas a respeito das diferentes perspectivas sobre a História e a Filosofia do Teatro. Na licenciatura em História, pesquisei sobre o teatro político desenvolvido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil; no mestrado em Filosofia, sobre o teatro político alemão e, no doutorado, sobre o teatro político indiano através da experiência da *Indian People's Theatre Association*, com o intuito de compreender como movimentos teatrais engajados com lutas políticas se estruturam em diferentes sociedades e contextos históricos, sociais, culturais e políticos. Acredito que a História, a Filosofia e o Teatro me abriram locais de reflexão e de prática, de modo que, para mim, a troca entre essas áreas alimenta pesquisas, trabalhos e projetos colaborativos.

**RGA:** Seu interesse pelo teatro veio justamente da atuação e direção?

**ABPG:** Inicialmente, meu interesse veio da atuação e, depois, a direção veio de uma forma intuitiva, já que acabei dirigindo trabalhos pessoais e criando colaborativamente com colegas. Depois disso, senti a necessidade de estudar, tanto que, em São Paulo, estou terminando um curso em Direção Teatral na SP Escola de Teatro, uma instituição bastante reconhecida na área.

**RGA:** Em sua pesquisa, você aborda a questão do teatro como ferramenta política?

**ABPG:** Sim. E também estudo como os movimentos teatrais políticos se articulam em diferentes tempos históricos e contextos sociais, culturais e políticos no Brasil, na Índia e em diferentes sociedades, com distintas linguagens artísticas em prol de transformações sociais e engajamento político, social, cultural e artístico.

**RGA:** A perspectiva clássica de que a arte é separada do mundo social e político não se aplica?

**ABPG:** A arte é integrada, alimenta e é alimentada pelo mundo político, numa relação viva, orgânica. Quando iniciei os estudos sobre o teatro indiano, pesquisei diversas fontes que abordavam a história do teatro político na Índia, mobilizando vários autores de lá. Foi uma trajetória de pesquisa para tentar entender a questão de dentro para fora. Então, li muitos autores, historiadores e artistas indianos, o que foi muito interessante pensando nas pesquisas que a Índia desenvolve, mas que muitas vezes não chega para nós no Brasil. Nesse sentido, o programa de doutorado sanduíche foi muito representativo para aprofundar estudos e realizar trocas, pois na Índia conheci diversos artistas e pesquisadores de teatro indianos, o que enriqueceu muito a pesquisa.

Realizei o doutorado sanduíche na *School of Arts and Aesthetics* da *Jawaharlal Nehru University* em Nova Délhi na Índia. Nela, fui coorientada pelo professor H. S. Shiva Prakash, um reconhecido pesquisador, artista, poeta e dramaturgo indiano, que me apresentou artistas e grupos teatrais de diferentes regiões da Índia, o que enriqueceu muito a pesquisa com trocas sobre diversas

esferas teatrais, políticas, históricas, culturais e sociais, abrindo caminhos e trajetórias de pesquisa, formação e prática teatral que sozinha não conseguiria encontrar.

**RGA:** Você apresenta uma questão importante para pensarmos: a História eurocêntrica, não apenas em termos de objetos, mas também no que diz respeito à historiografia, à teoria e às metodologias. Você realiza um caminho inverso ao estudar em uma universidade indiana e ter contato com essa historiografia, assim como com questões teórico-metodológicas indianas. Dessa forma, você sentiu diferença em comparação com a visão ocidental a respeito da Índia e da cultura indiana?

**ABPG:** Sim, principalmente no olhar crítico para a própria história do Teatro, da Índia, dos movimentos políticos, sociais, culturais, artísticos e teatrais indianos, pois através da pesquisa foi possível conhecer narrativas históricas sobre a Índia que muitas vezes não chegam até nós através da produção historiográfica eurocêntrica. Nesse sentido, foi muito expressivo pesquisar ao longo do doutorado sobre a história de um movimento teatral político indiano tão amplo e diverso, como a *Indian People's Theatre Association (IPTA)*, que desenvolve desde o princípio do século XX trabalhos artísticos engajados com lutas políticas nacionais e internacionais em diferentes regiões da Índia.

A IPTA foi criada na década de 1940 num contexto em que, para além de lutar pela independência do país e contra o imperialismo britânico, a Índia e os movimentos culturais repensavam o seu próprio fazer artístico e teatral em contraposição às visões ocidentais de arte levadas pelos britânicos através de políticas de dominação e controle social, de atos de censura, da disseminação da cultura, da língua e da literatura inglesa, da criação de universidades, teatros e outras estratégias colonialistas.

**RGA:** Você poderia discorrer sobre como entrou em contato com esse universo?

**ABPG:** O primeiro contato que tive com a Índia foi por meio da filosofia indiana durante o mestrado, quando realizei disciplinas que abordaram temáticas que me interessavam muito, tendo em vista a questão da mente, da yoga, da arte e das culturas indianas e, posteriormente, ao longo dos anos, fui me interessando e aprofundando pesquisas sobre a história do Teatro Indiano e de movimentos sociais, políticos, culturais e teatrais da Índia.

Nesse sentido, foi muito interessante pesquisar sobre a história da *Indian People's Theatre Association* e sobre o contexto no qual ela foi criada, repleto de movimentos sociais, políticos e culturais que lutaram pela independência da Índia e contra opressões vigentes no país nesse período. A IPTA desenvolveu trabalhos artísticos engajados com lutas políticas nacionais e internacionais através do teatro, da música, da dança, do cinema e de outras linguagens e trabalhou em prol da valorização dos saberes, tradições e expressões culturais e artísticas indianas. A pesquisa se deu através da análise de fontes escritas, orais, fotográficas e audiovisuais, de documentos, relatórios de conferências, peças teatrais, escritos de membros e colaboradores da IPTA, entrevistas, fotografias, vídeos, dentre outras fontes relacionadas ao contexto histórico, político e cultural anterior e posterior à independência da Índia. A pesquisa analisou também a reestruturação nacional do movimento, as contribuições da IPTA para o teatro político indiano e o Festival Nacional de comemoração dos 75 anos da IPTA realizado em 2018 na Índia.

**RGA:** O fato de ser uma brasileira estudando a Índia, possuindo o olhar do “outro”, ofereceu uma perspectiva diferente? Um olhar que talvez os próprios indianos não percebessem?

**ABPG:** Não tive essa percepção, enquanto morei na Índia sempre estava atenta às diferentes culturas, línguas e artes, as quais muitas vezes não compreendia e solicitava auxílio a conhecidos da área de pesquisa, teatral e artística, que foram essenciais para que pudesse me situar sobre diferentes questões sociopolíticas, históricas e culturais sobre a Índia. Nesse âmbito, hoje

tenho a sensação de que, ao longo dos meses que morei na Índia, estava tentando a todo momento conhecer, trocar e experienciar as diversas dinâmicas culturais, sociais, políticas, artísticas e teatrais indianas.

**RG:** Você poderia discorrer sobre alguns desses diferentes códigos presentes na cultura indiana, como aqueles relacionados ao corpo, à performance e ao teatro?

**ABPG:** Na Índia, em linhas gerais, muitos grupos artísticos trabalham com o entendimento das energias basilares que regem a vida, a natureza e os corpos. Por isso, muitas metodologias e processos criativos envolvem o entendimento do corpo energético, da respiração, dos ressonadores, da posição no espaço, da conexão com elementos da natureza, rituais, cantos, danças, objetos simbólicos e outras esferas. Nesse sentido, a música, o teatro e a dança são linguagens artísticas que encontram-se muitas vezes integradas e apresentam especificidades, códigos e simbologias das manifestações artísticas e teatrais de cada grupo ou região da Índia.

**RG:** Segundo uma visão clássica, a experiência colonial teria acabado com a cultura do outro. Embora tenha sido uma relação de violência, pode-se dizer que esse processo colonizador não acabou com a pluralidade indiana?

**ABPG:** A experiência colonial gerou complexidades que estão presentes em diferentes esferas da sociedade indiana, mas as tradições culturais, línguas, saberes, manifestações artísticas e teatrais resistiram a essa experiência histórica traumática e seguem vivas com força e expressividade em diferentes regiões da Índia. Entretanto, assim como nos demais países que passaram por processos coloniais, diversas complexidades políticas, sociais, culturais e econômicas permaneceram nas estruturas de poder e as opressões se reconfiguraram. O neoliberalismo também se faz presente na Índia e as lógicas colonialistas e imperialistas britânicas ganharam novas faces e formas de poder após a independência da Índia em 1947, conjuntamente com outros países capitalistas que estão na Índia, bem como no mundo inteiro.

**RGA:** A respeito do doutorado sanduíche, como a iniciativa surgiu?

**ABPG:** Desde que comecei a pesquisa, havia o desejo de ir para a Índia. Cursei as disciplinas do Programa de Pós-graduação em História da UERJ, realizei a qualificação e então surgiu a bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para doutorado sanduíche e a possibilidade de ir para a Índia. Participei do concurso no departamento, passei e morei na Índia durante oito meses desenvolvendo pesquisas na *School of Arts and Aesthetics* da *Jawaharlal Nehru University* e em diferentes estados do país, pois o movimento de teatro político que pesquisava tinha bases em distintas regiões da Índia, o que contribuiu para conhecer diversos movimentos culturais, artísticos e teatrais indianos.

**RGA:** Você teve influência de professores que marcaram sua escolha pelos estudos indianos?

**ABPG:** Sim, diversos professores e instituições influenciaram a minha trajetória de pesquisa e artística para estudar sobre a Índia, o teatro e a cultura indiana. Nesse sentido, no mestrado dei início às pesquisas sobre teatro político e realizei algumas disciplinas sobre a cultura e a filosofia indiana. Depois realizei um estágio em uma companhia artística em Londres, onde morei em um bairro em que residiam muitos indianos e lá cresceu o meu interesse pela cultura, história e artes da Índia. Quando voltei para o Brasil, me aproximei do Programa de Estudos Indianos da UERJ desenvolvendo pesquisas sobre teatro indiano. Fui convidada para ministrar uma aula sobre teatro indiano no curso "Introdução à História e Cultura da Índia" e, posteriormente, prestei o concurso e iniciei o doutorado com um projeto sobre o teatro político indiano através da experiência da *Indian People's Theatre Association (IPTA)*, um movimento cultural que reúne artistas indianos desde o princípio da década de 1940 até o presente para desenvolver projetos artísticos engajados com lutas políticas em prol de direitos sociais em diferentes regiões da Índia.

**RGA:** Durante o domínio britânico, o teatro político indiano passou por censuras ou tentativas de controle?

**ABPG:** Em 1876, o governo britânico aprovou uma lei de censura, intitulada *Dramatic Performances Act n° XIX*, que limitava a liberdade das criações artísticas, dos artistas, dos debates sociopolíticos e dos questionamentos ao sistema de dominação britânico na Índia, delegando aos representantes governamentais poderes para censurar manifestações artísticas consideradas subversivas e que fomentassem o descontentamento do povo indiano contra o governo. Essa lei e outros mecanismos de censura, perseguição e violência continuaram vigentes durante um extenso período na Índia e foram acionados em diferentes contextos contra movimentos sociais, políticos, culturais, artísticos e teatrais até a independência da Índia em 1947.

**RGA:** Isso problematiza a relação dominantes-dominados como relação unilateral, na medida em que há resistência por meio do teatro e, imagino, por meio de outros canais também.

**ABPG:** Sim. Sempre houve muita resistência de movimentos sociais, políticos e culturais na Índia contra o regime colonial britânico, repleto de políticas e tentativas de dominação, silenciamento e coação. Nesse sentido, desde o século XIX, o teatro político indiano vinha contribuindo para a articulação de movimentos em prol de lutas por direitos de diferentes grupos sociais na Índia e, no princípio do século XX, principalmente a partir das décadas de 1930 e 1940, essas articulações e lutas contra o colonialismo e o imperialismo britânico e pela independência da Índia se intensificaram, juntamente com a criação e o fortalecimento de movimentos sociais, políticos e culturais, como a *Indian People's Theatre Association*, criada na década de 1940 na Índia.

**RGA:** Como pesquisadora de Índia, como você é acolhida no cenário acadêmico brasileiro? Como as pessoas recebem os estudos indianos?

**ABPG:** Sinto que as pessoas têm muito interesse em conhecer mais sobre a história, as culturas e as artes da Índia. Nos colóquios e conferências em que

participo, sempre percebo um grande interesse, pois ainda temos pouco acesso às pesquisas acadêmicas sobre a história, as culturas, as artes e as criações teatrais da Índia. Então, quando participo de colóquios, seja de teatro ou de História, sempre há muita troca. Ao mesmo tempo, sinto que nós que estudamos a Ásia ainda somos poucos. Isso é um desafio, pois frequentemente nos sentimos só, o que torna muito importantes parcerias e trocas entre departamentos de estudos indianos e asiáticos e entre pesquisadores e artistas brasileiros e indianos para nos fortalecermos.

**RGA:** Tenho a mesma percepção que a sua. Enquanto um especialista em estudos japoneses, tenho impressão de que a pesquisa é solitária e, realmente, no balanço do que é considerado pertinente como objeto de investigação, parece que não necessariamente somos acolhidos como fazendo algo legítimo.

**ABPG:** Parece-me que o acolhimento vem do público de maneira geral e de pesquisadores e artistas, já que as pesquisas sobre a Índia e outros países asiáticos, africanos, latino-americanos e de outras regiões não hegemônicas do planeta abordam conteúdos que despertam o interesse sobre as esferas históricas, sociais, políticas, culturais, artísticas, teatrais e em outras áreas, mas, institucionalmente falando, em termos de apoio à pesquisa e à arte, é necessário mais investimentos para que o Brasil, a Índia e outros países desenvolvam pontes de diálogos mais consolidadas.

**RGA:** Qual é a situação dos estudos indianos no Brasil? Quais são os desafios e o estado da arte?

**ABPG:** Atualmente, existem diversos pesquisadores que estudam o teatro indiano e de outros países da Ásia, da América Latina, de África e de regiões não hegemônicas do planeta. Muitos deles trabalham em diálogo com movimentos decoloniais, que buscam investigar mais sobre as artes, os saberes, as culturas e as epistemologias desses territórios que passaram por apagamentos históricos relacionados às lógicas de dominação colonialistas, imperialistas e capitalistas, que até hoje se fazem presentes em diferentes esferas sociais, políticas e

econômicas desses países. Nesse sentido, constantemente enfrentamos diversos desafios logísticos, institucionais, linguísticos, de fomento à pesquisa e em outras esferas para dar seguimento às investigações sobre essas temáticas e precisamos buscar parcerias para a realização de trocas e construir redes coletivas de apoio.

**RG:** Isso não deixa de ser indício da situação da pesquisa no país de maneira mais ampla e, ao mesmo tempo, o estado da pesquisa em estudos asiáticos.

**ABPG:** Nesse sentido, é muito importante haver investimentos governamentais e políticas públicas no âmbito das pesquisas, da educação e da cultura que propiciem trocas entre pesquisadores e artistas brasileiros, indianos e de outros países asiáticos, latino-americanos, africanos e de territórios não contemplados pelas políticas direcionadas aos países pertencentes aos eixos hegemônicos internacionais, que levem em consideração as línguas, as culturas, as expressões artísticas, as histórias e as lutas políticas por direitos sociais no Brasil, na Índia e em outras regiões do planeta.

**RG:** Quais nomes você apontaria para o jovem pesquisador como indispensáveis para o estudo de Índia?

**ABPG:** Há diversas pesquisadoras e pesquisadores indianos que desenvolvem pesquisas interessantes, projetos e criações artísticas na área da História e das Artes Cênicas sobre os movimentos sociais, políticos, culturais, artísticos e teatrais na Índia. Mencionaria Rustom Bharucha, Sharmistha Sarra, H.S. Shiva Prakash, Usham Rojio, Arjun Ghosh, Brahma Prakash, Suchetana Banerjee, Sanjoy Ganguly, Sudhanva Deshpande, M. K. Raina, Noor Zaheer, dentre muitas outras referências nesse âmbito.

**RG:** No cenário brasileiro, quem você recomendaria?

**ABPG:** Me interessam muito as pesquisas, projetos e criações artísticas desenvolvidas pelas professora(s), pesquisadora(s) e artistas Leda Maria Martins, Naine Terena, Juliana Manhães, Daiara Tukano, Rosana Paulino, Zeca Ligiéro, Renato Nogueira, Denise Zenicola, Dodi Leal, Denilson Baniwa, dentre

muitas outras referências de pensadores, pesquisadores e artistas que desenvolvem investigações e projetos nas áreas das Artes, do Teatro, da História e da Filosofia sobre manifestações culturais, artísticas e teatrais brasileiras, indígenas, africanas, ameríndias, asiáticas e de outras regiões não hegemônicas do planeta.